

Grão de ouro

Mesmo em tempos de forte intervenção governamental, o mercado de milho sempre carece de liquidez

LUIZ ANTONIO PINAZZA
REGIS ALIMANDRO

O quadro de oferta e demanda de milho no Brasil apresenta com muita freqüência um desbalanceamento ao longo da história. Temporadas de safras generosas geram excedentes que, mesmo não sendo volumosos, acarretam fortes baixas nos preços e prejuízos para o agricultor. O resultado é uma queda na área e no uso de tecnologia com efeitos negativos sobre o tamanho da colheita e subida nas cotações.

Depois da safra recorde de 2000/01, apareceu um cenário interessante para o cereal, no qual a firmeza dos preços internacionais da soja junto com a desvalorização interna do câmbio tiveram substancial influência.

Em 2001, para enxugar o mercado interno, a saída foi escoar cerca de 5,6 milhões de toneladas da produção para exportação. Os preços deprimidos e a desvalorização do real favoreceram as operações de embarque. Paralelamente, o excelente desempenho das exportações na suinocultura e avicultura aumentava o consumo interno do cereal. Os estoques de passagem de milho ficaram rapidamente muito baixos e no final do ano chegavam ao ponto crítico de não representar a metade de um mês de consumo, de acordo com as estimativas da Conab. O sinal vermelho acendeu para toda a cadeia produtiva.

Somada ao fato a agravante de uma queda de quase 15% na área plantada na safra 2001/02, o mercado dava fortes indícios da possibilidade de uma fraca oferta durante 2002. Para piorar, a safrinha se manteve próxima do seu patamar razoável de 6 milhões, enquanto as estiagens no Rio Grande do Sul e Santa Catarina reduziram o milho da primeira safra para 29 milhões de toneladas. Com déficit no abastecimento e uma exportação próxima de 2 milhões, a crise de abastecimento tornou-se um perigo iminente e os preços dispararam.

Entre dezembro de 2001 e novembro de 2002, o preço da saca de milho saiu do nível de R$11/13 para R$26/28. Governo e agentes das cadeias produtivas nas quais o cereal goza de importância estratégica

Brasil: lavouras de milho e soja

Área (mil ha)	Safra 2001/02 (a)	Safra 2002/03 lim. inferior (b)	Safra 2002/03 lim. superior (c)	Variação (%) (b/a)	Variação (%) (c/a)
Milho total	12.324,7	12.109,7	12.523,2	-1,7	1,6
Milho 1ª safra	9.439,7	9.224,7	9.399,7	-2,3	-0,4
Milho 2ª safra	2.885,0	2.885,0	3.123,5	0,0	8,3
Soja	16.324,4	17.509,4	17.785,0	7,3	8,9

Produção (mil t)	Safra 2001/02 (a)	Safra 2002/03 lim. inferior (b)	Safra 2002/03 lim. superior (c)	Variação (%) (b/a)	Variação (%) (c/a)
Milho total	35.210,90	37.086,90	40.357,30	5,3	14,6
Milho 1ª safra	29.081,10	30.957,10	31.725,60	6,5	9,1
Milho 2ª safra	6.129,80	6.129,80	8.631,70	0,0	40,8
Soja	41.907,10	47.450,60	48.171,90	13,2	14,9

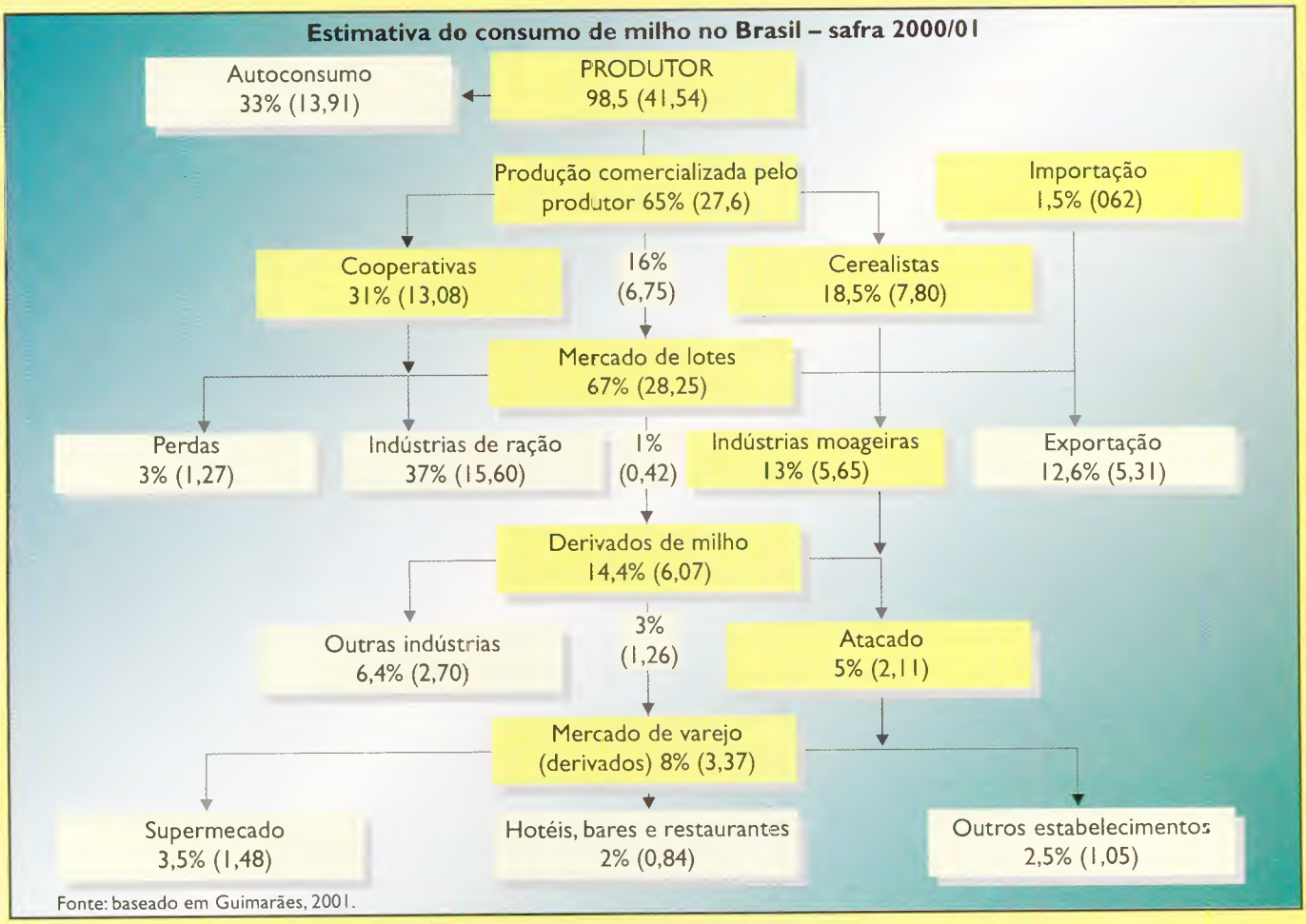
Fonte: Conab, out. 2002.

2. Brasil: milho primeira safra – comparativo de área, produção e produtividade

Safras 2001/02 e 2002/03

	Área (mil ha)					Produção (mil t)					Produtividade (kg/ha)		
	2001/02	2002/03		Variação (%)		2001/02	2002/03		Variação (%)				Variação
U.F.	(a)	(b)	(c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(f)	(e/d)	(f/d)	2001/02	2002/03	(%)
Norte	500,3	501,6	503,5	0,3	0,6	850,1	861,7	865,6	1,4	1,8	1.699	1.719	1,1
MA	324,5	324,5	324,5	0,0	0,0	292,1	292,1	292,1	0,0	0,0	900	900	0,0
PI	300,2	300,2	300,2	0,0	0,0	110,2	240,2	240,2	118,0	118,0	367	800	118,0
CE	690,6	690,6	690,6	0,0	0,0	621,5	621,5	621,5	0,0	0,0	900	900	0,0
BA	331,5	331,5	331,5	0,0	0,0	139,9	696,2	696,2	397,6	397,6	422	2.100	397,6
Nordeste	2.398,5	2.398,5	2.398,5	0,0	0,0	1.652,1	2.487,6	2.487,6	50,6	50,6	689	1.037	50,6
PR	1.490,9	1.371,6	1.416,4	-8,0	-5,0	7.380,0	6.858,0	7.082,0	-7,1	-4,0	4.950	5.000	1,0
SC	839,4	831,0	839,4	-1,0	0,0	3.156,1	3.789,4	3.827,7	20,1	21,3	3.760	4.560	21,3
RS	1.430,4	1.358,9	1.387,5	-5,0	-3,0	3.976,5	4.756,2	4.856,3	19,6	22,1	2.780	3.500	25,9
Sul	3.760,7	3.561,5	3.643,3	-5,3	-3,1	14.512,6	15.403,5	15.765,9	6,1	8,6	3.859	4.326	12,1
MG	1.156,8	1.156,8	1.203,1	0,0	4,0	4.627,2	4.742,9	4.932,7	2,5	6,6	4.000	4.100	2,5
SP	751,2	766,2	788,8	2,0	5,0	3.350,4	3.417,3	3.518,0	2,0	5,0	4.460	4.460	0,0
Sudeste	1.970,0	1.985,0	2.053,9	0,8	4,3	8.142,5	8.325,1	8.615,7	2,2	5,8	4.133	4.194	1,5
MT	187,0	177,7	183,3	-5,0	-2,0	720,0	799,7	824,9	11,1	14,6	3.850	4.500	16,9
GO	481,3	466,9	481,3	-3,0	0,0	2.435,4	2.381,2	2.454,6	-2,2	0,8	5.060	5.100	0,8
C.-Oeste	810,2	778,1	800,5	-4,0	-1,2	3.923,9	3.879,3	3.990,8	-1,1	1,7	4.843	4.986	2,9
Brasil	9.439,7	9.224,7	9.399,7	-2,3	-0,4	29.081,1	30.957,1	31.725,6	6,5	9,1	3.081	3.366	9,2

Fonte: Conab, out. 2002



Fonte: baseado em Guimarães, 2001.

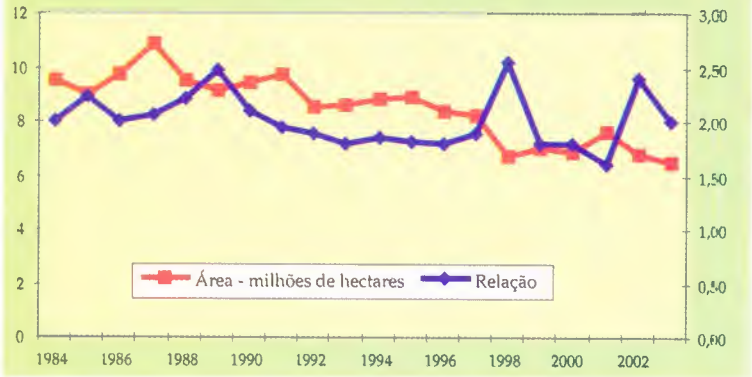
sentiram a fragilidade da situação, mas infelizmente não conseguiram reverter a tempo o quadro para 2004. A lavoura novamente teve queda de área na primeira safra.

A forte arrancada dos preços deu-se na entressafra a partir de agosto. Esse contexto arrefeceu o esforço do governo, que lançou contratos de opção de venda de 5 milhões de toneladas, com exercício para maio de 2003 e possibilidade de antecipação em fevereiro. Os preços foram calculados com base na paridade de exportação e variam de R$13 a R$15, conforme o estado produtor.

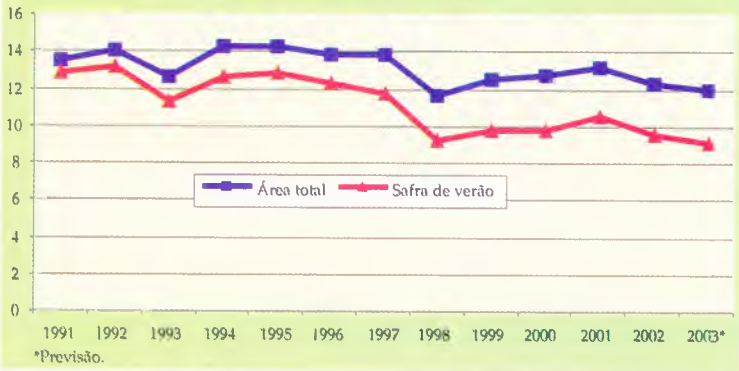
Com a seca avançando até o mês de outubro na região Centro-Sul, houve atraso no programa de plantio e os agricultores se inclinaram mais ainda para a soja. As empresas de sementes estimam um recuo nas vendas de 10 a 15%. Pelos números da Associação Brasileira dos Produtores de Sementes, na temporada 2000/01 o volume comercializado de milho híbrido beirou 126,1 mil toneladas. As regiões tradicionais de safrinha, como o Sul de Mato Grosso do Sul, Oeste do Paraná, Mato Grosso e Sudoeste goiano, plantam cada vez menos milho na safra de verão.

O primeiro levantamento de safra da Conab mostra números pouco promissores. No Paraná, o mais importante estado produtor do país, com cerca de 20% do total, a área caiu de 8% a 5%. Aliás, a área encolheu na região Sul em geral. O mesmo aconteceu com o Centro-Oeste. Alguma surpresa positiva, mas pouco provável, poderá vir do Sudeste.

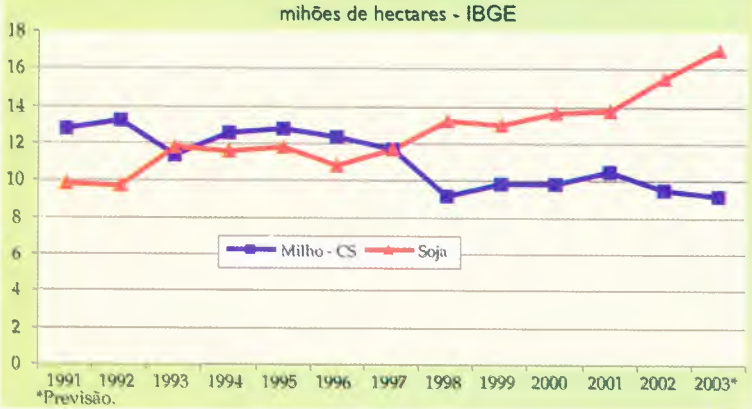
Área de milho no CS e relação de preço com a soja



BR: evolução da área de milho
milhões de hectares - IBGE



BR: evolução da área
milhões de hectares - IBGE



Números pouco promissores

Mais de 60% do milho nacional são colhidos por sojicultores que, diante do *boom* do mercado da oleaginosa, postergam ou reduzem a área rotacionada com o milho, como sucedeu nas duas últimas safras. Ainda que a relação de troca entre as culturas esteja equilibrada, esse comportamento poderá se repetir nos próximos anos agrícolas, para desespero da cadeia produtiva do cereal.

Uma mudança de cunho estrutural como a campanha do governo para aumentar a produtividade de milho é sempre bem-vinda. Mais de 44% do milho colhido no país vêm de propriedades com menos de 100 hectares. Acontece que seu resultado somente aparece a médio e longo prazos.

Na tentativa de amenizar a crítica situação, o Brasil solicitou e teve seu pleito aprovado pelo Grupo de Trabalho Comum do Mercosul (Argentina, Uruguai e Paraguai) para incluir o produto no grupo de exceção de Tarifa Externa Comum (TEC). As importações até 600 mil toneladas no prazo limite de 28 de fevereiro de 2003 de terceiros países terão alíquota reduzida de 9% para 2%. A intenção era reduzir a TEC para zero. A Argentina pretende atender 65% do volume fixado.

Resta a segunda safra, que começa a ser plantada em fevereiro; mas apostar numa produção acima de 7 milhões de toneladas significa contar muito com a sorte.

A respeito da safrinha, está pendente a questão do seguro. Devido às perdas nos últimos três anos, o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) não vai ressegurar o milho segunda safra. O impacto da medida é relativo, pois a área segurada não tem passado de 3%.

Na hipótese do câmbio em dólares operar no intervalo de R$3,00 a R$3,50, as esperanças de um preço inferior a R$18,00 a saca são de probabilidade remota, mesmo no período de colheita. Na fase de plantio as projeções eram de R$14 a R$15. Sabe-se que houve um grande abate de matrizes de suínos em 2002 e haverá um aumento nos estoques de aves no primeiro trimestre de 2003. Contudo, esses dois fatores não serão suficientes para esfriar os preços. As áreas de suprimento das agroindústrias terão de acompanhar muito atentamente as sutilezas do mercado para aproveitar os raros

momentos de fechar bons negócios.

O estado de Goiás, até recentemente importante unidade da União na exportação de milho, sente o reflexo dessa mudança. A área ocupada com o cereal se reduz e seu próprio consumo passa o correr risco. Uma das propostas da Secretaria de Agricultura goiana consiste na instituição do Prêmio de Garantia, um mecanismo para remunerar o produtor ou cooperativa pelo qual o governo banca a diferença, caso o preço de mercado fique abaixo do fixado na tabela de liquidação do contrato. Para usufruir do programa o beneficiário teria que pagar uma taxa.

Mesmo em tempos de forte intervenção governamental, com preços mínimos de garantia e operações de AGF (Aquisição do Governo Federal) e EGFs (empréstimos do governo federal), o mercado de milho sempre carece de liquidez. A boa notícia deste ano vem da Bolsa de Mercadorias & Futuros, onde as dificuldades de abastecimento fizeram com que muitos consumidores procurassem proteção. Até novembro foram negociados 15,3 mil contratos, cerca de 234% acima do volume registrado em 2001.

No *front* externo, cujo acompanhamento é crucial nesse período, diante das necessidades de importações do país, os preços do milho deverão girar entre US$2,20 e US$2,60 o *bushel*. Um valor acima de US$3 o *bushel* poderá ocorrer em casos extremos de adversidades climáticas no Brasil, Argentina e particularmente na China.

pinazza@agroceres.com.br
regis@fgv.br

Em plena expansão

O complexo soja ocupa 13% das exportações brasileiras, apesar dos problemas tributários, logísticos ou comerciais

CARLO LOVATELLI

O agronegócio soja é um dos mais eficientes do Brasil. Aproximadamente 250 mil produtores rurais vivem da renda gerada por esse produto. A competência dos agricultores aliada a uso de tecnologia avançada, sementes melhoradas e plantio direto farão com que a safra passe de 42 milhões de toneladas em 2002 para mais de 48 milhões no próximo ano. O complexo soja (grão, farelo e óleo) será responsável por 13% das exportações brasileiras – entrada de US$7,5 bilhões, com aumento de US$1,6 bilhão em relação à temporada anterior.

Um estudo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) sobre a geração de empregos demonstra que para cada R$10 milhões de produção adicional de óleos vegetais são criados 535 novos empregos diretos e indiretos, além de 376 gerados pelo efeito renda.

